

Tecnologia para além da atualidade

por Adriana Arantes dos Santos (Adriana Veridiana)

Pensar em tecnologia e nos colocar enquanto construtores e usuários dela, fugindo do convencional que nos foi apresentado de forma ocidental. Pensar a tecnologia enquanto algo existente desde os tempos primórdios, trabalhando nosso afro-indígena com olhar crítico sobre a era capitalista, consumista, excludente e competitiva. Afinal, de onde vem o saber? Para onde vai? Quem se apropria dele?

As construções civilizatórias ocidentais, nos colocam “viseiras” para se manterem na posição de produtor intelectual e com isso concentram as riquezas em suas mãos, através da exploração da mão de obra barata da classe desprovida de privilégios, que em sua maioria são negros. A cultura eurocêntrica que ao longo dos séculos tomou posse do poder através da exploração escravagista. Podemos observar na história da humanidade que a tecnologia é algo transformador e ancestral e cada ser tem seu papel nesta construção que possibilita caminhos para resolução de problemas e isso é ancestral.

Posso trazer presente minha infância na roça onde guardo na memória o quanto a tecnologia ancestral é presente em minha vida. Se pararmos pra pensar em um simples fogão a lenha já vamos ter em mente uma imensidão de solução de problemas e não parando por aí, a própria lamparina utilizada para iluminar a noite na roça, muitas vezes feita com materiais reciclados, pois sim, a reciclagem é bem antiga em se tratando de reutilização e aproveitamento de materiais. Nosso povo negro que de forma bem inteligente se utilizou de madeiras para construir seus instrumentos de percussão, o próprio saber ancestral de se utilizar das ervas para a cura de enfermidades, banhos, chás, etc.

O saber e o fazer ancestral tecnológico se faz presente a todo momento e eu enquanto mulher negra que tenho em minha vivência a experiência de ter assistido minhas mais velhas quando eu era criança e elas lavavam roupa no rio, esfregavam nas pedras e colocavam a roupa pra quarar, ao ariar uma panela, ao acender o fogão a lenha, nas simpatias realizadas com a natureza para curar umbigo. Lembro-me de como elas faziam com o galho de pé de amora cortado ao meio e faziam nós para passar as crianças no meio e ali falavam umas palavras e davam o nó no galho, isso foi feito comigo. Não há como não dizer que mesmo sendo para cura, seja simpatia, mandinga ou qualquer outro nome que se possa dar, tudo isso é tecnologia ancestral.

A branquitude insiste em nos colocar no lugar de subserviência, porém nós que descendemos de um povo que mesmo que tenham passado pela escravidão, somos um povo de criação, somos inteligentes e seja no passado ou na atualidade a branquitude não se conforma com nosso lugar de protagonismo.

A tecnologia é algo atual e do passado e muito necessária, porém através desses ensinamentos do passado em forma de legados muitos tiram proveitos de todo esse aprendizado e criam novas tecnologias bebendo dessa fonte afro ancestral. Trago nesse texto algo que enfatiza a questão tecnológica africana de forma em que ela se manifesta como algo sagrado, da nossa forma de se relacionar com a natureza, com nosso corpo e como podemos transformar tudo isso em algo que colabore para o cuidado com o que nos cerca e com o que temos que cercar.

Os saberes e fazeres ancestrais nos levam a refletir a tecnologia como algo que transcende as salas de aula partindo do ponto de vista de que, quem veio antes contribuiu muito para estarmos onde estamos, não desmerecendo as grandes descobertas e tirando a importância do conhecimento institucional, mas é preciso buscar e beber de fontes ancestrais na grande caminhada tecnológica que nos leva a sabedoria da convivência com quem não teve a oportunidade de estudar, mas carrega consigo os ensinamentos misteriosos e profundos que nos levar a respostas e curas para muitas questões.